



Conversas com Norte

ALBERTO CASTRO, ALEXANDRE QUINTANILHA E JOSÉ LEITE PEREIRA MODERADOR

DOS NOSSOS MEDOS À FALTA DE ESTADISTAS

Uma viagem pelos comportamentos de risco a que temos assistido na economia, política e sociedade, passando pela tragédia de Fukushima, pelo olhar de Alexandre Quintanilha e Alberto Castro

José Leite Pereira (JLP) – A palavra risco sugere a percepção do que temos à volta e do que arriscamos nas avaliações antes da tomada de decisões. Hoje, corremos o risco de chamar o FMI. Professor Quintanilha, quer introduzir o tema do risco?

Alexandre Quintanilha (AQ) – A percepção do risco depende, essencialmente, de três factores. Primeiro, do que se sabe, mas principalmente do que não se sabe. Em geral, temos a noção do risco em relação ao que desconhecemos. O segundo factor é a visão do mundo: se achamos que o mundo é uma estrutura robusta estamos mais preparados a arriscar do que se acharmos que é frágil. Cada um de nós é um pouco esquizofrénico, há certas áreas em que achamos que o

mundo é muito robusto e noutras que é muito frágil, sem razão para isso, quase de forma intuitiva. Tem a ver com os nossos receios, cultura, história, ambiente. O terceiro factor é a confiança na informação dada.

Numa altura em que se sucedem debates sobre a situação económica, às vezes temos a noção de que não confiamos nas pessoas que nos dizem como se deve fazer. Estes três factores determinam de forma claríssima a vontade de arriscar, ou não, o medo ou o fascínio pelo desconhecido. Estamos na sociedade do risco.

JLP – Alberto Castro, a questão da confiança, na situação actual, faz todo o sentido.

Alberto Castro (AC) – É um problema não só da economia, mas da sociedade em geral. Há, actualmente,

em Portugal, falta de confiança nas instituições e confiança recíproca. Desconfiamos muito, o que nos remete para a questão do que sabemos, ou não. Há muita gente que desconfia por ignorância ou porque confunde informação com conhecimento.

JLP – O que quer dizer com “desconfia por ignorância”?

AC – Exactamente porque não sabe. Costuma dizer-se que a ignorância é atrevida. Não será a melhor das evidências, mas mais de 90% do que se escreve nos fóruns electrónicos, de comentários a notícias, é pura e simplesmente ignorância, que redundando em barbárie, evidencia inveja e o deitar abaixo. São discursos redundantes, circulares, que se anulam reciprocamente. Em economia, diz-se que é um jogo de soma nula,

Área: 1300cm² / 66%

Tiragem: 133.131

Foto: 4 Cores

ID: 3583235

que não dá nada. O país não cresce, o bem-estar não aumenta, a confiança não melhora. Noutra perspectiva do risco, olhamos para a situação actual e vemos uma sociedade incerta, com problemas de sustentabilidade, iníqua na distribuição do rendimento e insegura, como se pode ver pelo terrorismo e com a situação no Médio Oriente e Norte de África. Quase nos deleitamos a falar dos problemas sem pensar nas soluções. Como dizia Augusto Mateus, vivemos bem com os problemas, temos medo é das soluções. Somos incapazes de arriscar porque falta o conhecimento, o saber.

AQ – Em relação à economia, o debate centra-se no que vai ou pode vir a acontecer e o que deve ser feito já para que não aconteça, ou no que não foi feito para evitar chegar onde estamos. Em economia, não sei se há muitos casos padrão que ajudem a tomar decisões. O caso da Grécia não é semelhante, o da Irlanda também não. O problema da política é que não se diz a verdade toda sempre...

JLP – Às vezes nem se diz a verdade...

AQ – Diz-se uma verdade: ‘não posso divulgar a minha estratégia porque diminuía as minhas possibilidades’, o que remete para a questão da confiança. O aumento das taxas de juro tem a ver com a falta de confiança na economia portuguesa. Mas será que esses juros são justificáveis? Ou será uma pressão para forçar Portugal a seguir uma determinada direcção, que interessa a quem empresta dinheiro?

AC – Não é fácil encontrar na História situações semelhantes à de Portugal. O caso da Irlanda centrou-se no sector financeiro que teve comportamentos muito mais arriscados do que o português. A Grécia poderá ter algumas afinidades, embora os gregos tivessem levado o devaneio bastante mais longe, em termos de idades de reforma, do 15º mês generalizado. O que nos deixa por conta própria, para o bem e para o mal. Têm-se sublinhado os aspectos negativos e é bom que se corrijam compor-

tamentos, mas, nos últimos 37 anos, nem tudo foi mau. Portugal teve, até meados da década de 90, taxas de crescimento melhores do que a Irlanda ou a Grécia, por exemplo. E conseguiu resolver problemas bem difíceis, como integrar um milhão de pessoas das colónias sem convulsões sociais. O país tinha níveis de desenvolvimento muito baixos, era fechado, não tinha cultura internacional e que, a certa altura, se deslumbrou. E as pessoas têm legitimidade a aspirar a níveis de vida que passaram a ver.

AQ – Isso é evidente. Estou cá há 20 anos e Portugal hoje não tem rigorosamente nada a ver com o que era.

AC – Mas, a certa altura, levados pelo entusiasmo, fomos longe demais. Nos últimos 15 anos, fomos acumulando asneiras, por isso, não podemos esperar resolver o problema num ano ou dois. Se a situação se resolver em cinco anos já não é mau. É necessário assumir riscos mais conscientes para dar a volta às dificuldades. E, mais do que isso, temos de conviver com um ambiente que não é bom nem interna, nem externamente. Faltam na Europa, e se calhar no mundo, estatistas, pessoas capazes de arriscar. A questão das agências de notação, que avaliam teoricamente o risco, é complicada. Muitas delas falharam de forma escandalosa na crise do sub-prime, outras deram a cotação máxima ao Lehman Brothers no dia em que faliu.

AQ – Então, que confiança podemos ter nessas instituições?

AC – De repente, essas agências as-sobiam para o lado e desatam a dar palpites e a bater no ceguinho, como se costuma dizer.

JLP – E isso aconteceu porquê? Fizeram bem o seu marketing?

AC – Há quem diga que algumas têm relações pouco claras com determinados investidores. Dá a sensação de que estão muito empenhadas em readquirir reputação, ainda que seja à custa de um pobre país, que tem o que os ingleses chamam “self fulfilling prophecy”, as previsões que se auto-

confirmam. Quando baixam os ratings, o país fica mais atrapalhado. Nas decisões sobre os bancos portugueses que anteontem foram tomadas e ontem outra agência acompanhou, há questões complicadas de se perceber. Não tenho a certeza que conheçam a situação do Montepio. Penso que, a certa altura, é por arrasto.

JLP – A convicção é que a situação dos bancos é boa, a do país é que é má...

AC – A situação dos bancos não pode ser boa porque reflecte o estado do país. Se os bancos forem excluídos do mercado de crédito, a economia pára, o que é particularmente grave no sector exportador. Um país com estas dificuldades tem que aproveitar as oportunidades abertas nos mercados internacionais, onde continua a haver países a crescer e bem, mesmo à nossa volta. Só que algumas empresas precisam de investir para alargar capacidade, precisam de apoios para missões ao estrangeiro e os bancos podem não ter dinheiro. As agências de notação têm um papel importante e arriscam muito pouco. Mandam jovens, muitas vezes com pouca experiência, fazer avaliações mas nada lhes acontece se correr mal. Noutra profissão, se alguém falhasse tão rotundamente como eles aquando da crise financeira, não haveria segunda oportunidade.

JLP – O mundo está perigoso?

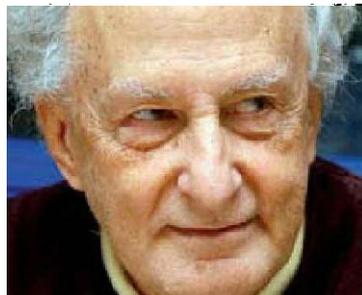
AQ – Vivemos num planeta com características físicas e biológicas muito particulares e extraordinárias. À medida que a população humana cresce, surgem dúvidas sobre se o planeta vai conseguir manter essa explosão durante muito mais tempo. Sabemos que 99,9% das espécies já desapareceram. Cresceram até atingirem um limite de capacidade, desapareceram e deram lugar a outras espécies melhor adaptadas. Também não se sabe se haverá comida suficiente para toda a gente. Países como a China e a Índia, por exemplo, continuam a cres-



cer muito e precisam de cada vez mais energia. Os problemas energéticos são muito significativos, para não falar da água e das doenças emergentes. Quando se fala em energia, o ponto mais quente é o que se está a passar em Fukushima, no Japão. A energia nuclear apareceu em meados do século XX com a promessa da energia barata e com riscos associados muito grandes. Mas não são maiores do que andar nas ruas nas cidades europeias ou em Portugal. O número de pessoas afectadas, se houver um desastre mais grave em Fukushima, é irrisório quando comparado com a segunda Guerra Mundial ou com as dezenas de milhões de pessoas que morrem de sida e de malária. Assusta-nos mais porque é um episódio isolado e de grandes dimensões. Levanta questões políticas, económicas, que decisões tomar sobre o

nuclear, se é para continuar ou, como está a ser discutido na Alemanha, para desaparecer.

LUÍSA MOREIRA EDIÇÃO
lmoreira@jn.pt



“Em geral, temos a noção do risco em relação ao que desconhecemos”

Alexandre Quintanilha
INVESTIGADOR



“Faltam na Europa, e se calhar no mundo, estadistas, pessoas capazes de arriscar”

Alberto Castro
ECONOMISTA, PROFESSOR DA UNIVERSIDADE CATÓLICA



Alberto Castro (à esquerda), Alexandre Quintanilha (à direita) e José Leite Pereira, director do JN.
“Nos últimos 37 anos, nem tudo foi mau para Portugal”, defendeu o economista. Já o cientista diz que Fukushima assusta por ser um episódio isolado e de grandes dimensões

Área: 1300cm² / 68%

Tiragem: 133.131

FOTO: 4 Cores

ID: 3583235